

A ILLUSTRACÃO

LUSO-BRAZILEIRA.



REDACÇÃO

ALEXANDRE HERCULANO. — A. D'OLIVEIRA MARRECA. — A. DE SERPA. — A. P. LOPES DE MENDONÇA. — CARLOS JOSE CALDEIRA. — CASIMIRO ABREU. — ERNESTO BIESTER. — F. GOMES D'AMORIM. — F. PEREIRA D'ALMEIDA. — F. M. BORDALLO. — FRANCISCO ROMANO GOMES MEIRA. — J. M. LATINO COELHO. — J. M. D'ANDRADE FERREIRA. — J. M. DE SOUZA MONTEIRO. — J. S. MENDES LEAL. — J. DE TORRES. — LUIZ FILIPPE LEITE. — L. A. PALMEIRIM. — R. BULHÃO PATO. — RODRIGO PAGANINO.

Director

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA.

LISBOA: — Anno 3,500 rs. — Semestre 1,520 rs. — Trimestre 1,500 rs. — Numero avulso 120 rs.

VOL. I. — NUM. 20. — SABBADO, 17 DE MAIO DE 1856.

PROVINCÍAS — FRANCO — Anno 4,500 — Semestre 2,5100 rs. Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 5,5000.

SUMMARY.

Jorge, romance contemporaneo (continuação) — Caminhos de ferro em Inglaterra. — A Academia das Bellas Artes (continuação). — Um conto de Hoffmann. — Porto do Maranhão. — Perfuração do poço de Passy. — O lord mayor annunciando a paz. — A ponte d'Arc. — Sir Allan Macnab, primeiro ministro do Canadá. — Viagem d'elrei o senhor D. Pedro v (continuação). — Excursão phantastica. — O Deserto (continuação). — Roza murcha. — Chronica semanal. — Gratidão e Saudade. — Bibliographia. GRAVURAS, Sir Allan Macnab. — Porto do Maranhão. — Perfuração do poço de Passy. — O lord mayor annunciando a paz. — A ponte d'Arc.

Quando voltou vinha incumbido de uma carta para Jorge, que lhe havia sido entregue pela filha de sir William, a qual havia encontrado no Havre, no mesmo hotel em que nós a acabamos de ver.

A carta era escripta das bordas da sepultura, e continha pouco mais ou menos as seguintes palavras.

«Sinto que a morte se aproxima, e não quero abandonar a vida sem lhe dizer o ultimo adeus, e confessar-lhe todos os remorsos que me devoram o coração.

«Meu pae morreu ha 6 mezes longe de mim, a Pro-

videncia não quiz que eu recebesse de seus labios a ultima benção, nem que pudesse suavisar a sua derradeira agonia. Meu marido sobreviveu-lhe apenas dois mezes, e a causa da sua morte fui eu.

Não sei como Deus me deu força para assistir á solemne, e magestosa agonia d'aquella alma que ao despedir-se da terra onde havia padecido tanto, não votava um sentimento de odio áquella de cuja mão lhe tinha vindo o seu martyrio.

«Morreria tranquillo se tivesse a certeza de te deixar feliz. . . . foi eu o culpado em querer um coração que não podia ser meu. Sou eu que devo pedir te perdão n'esta hora.» Aqui estão as suas palavras. Creia Jorge, que n'esse instante experimentei todas as amarguras, todas as dores inqualificaveis do remorso, e do arrependimento.

Eu sou criminoso ainda, oh! agora talvez mais do que nunca, por que nunca amei assim! O ultimo instante está proximo, não me iludo, a morte sinto-a aqui, n'este coração que se alimentou de um amor criminoso, e que ainda no ultimo instante se consagra inteiro áquelle que lh'o inspirou. Não queira mais victimas Jorge, volte á sua patria, e faça a felicidade d'aquelles a quem unicamente se deve neste mundo. As forças faltam-me, Mauricio está junto de mim banhado em lagrimas; receba d'elle o meu ultimo adeus.»

Assim que acabou de ler esta carta, Jorge partiu para França, animado por um presentimento, pela vaga esperanza de a encontrar viva ainda!

Quando chegou finalmente á porta da casa, e perguntou por ella, o coração parecia querer desconjuntar as arcadas do peito, e o suor frio conglobava-se-lhe em grossas gotas na fronte.

Quando ouviu a resposta, um raio de infinita alegria veio illuminar lhe a alma; ao achar-se na sua presença, a voz espirou-lhe na garganta, e esteve proximo a cair inanimado a seus pés.

O sangue que por instantes corava o rosto da ingleza refluiu outra vez para o coração, a luz que acendera o olhar desmaiou breve, e as palp-bras carregando-se languidas denunciaram-na em deliquio. Jorge levou aquellas mãos regeladas aos labios, e dentro de poucos minutos conseguiu tornar a á vida.

— Georgina!

— Jorge!...

— A Providencia consentiu que eu chegasse a tempo de te poder salvar.... a vida começa agora para nós.....

JORGE.

ROMANCE CONTEMPORANEO.

IX

(Continuado do n.º 19.)

Passado um anno o brigue *Zampa*, a mais veleira e elegante embarcação que tem cursado os mares, fundeava no Havre por uma lindissima manhã de inverno.

Um homem de 33 a 34 annos saltou ao escaler, que dentro de poucos minutos estava atracado ao caes.

Este homem era Jorge de Athaide.

Assim que saltou em terra metteu-se dentro de um fiacre. O cocheiro parou na rua... á porta do Hotel d...

O mancebo subiu precipitadamente as escadas; chegando á porta, entregou o seu bilhete ao criado: este foi dentro, e voltou immediatamente. Permitta o leitor que este nos conduza tambem a nós ao interior do mesmo aposento onde vae ser introduzido Jorge.

A porta abriu-se vagarosamente, e o mancebo achou-se na presença de Georgina, que estava deitada sobre um sofá, toda vestida de negro, e com o aspecto de quem acaba de sair de uma longa e penosa enfermidade.

Ao fitar os olhos n'elle, o sangue affluu-lhe ás faces, ergueu por instantes a cabeça que tornou a cair inerte, como se aquelle leve movimento lhe houvesse roubado o resto da força.

Agora por certo que o leitor, e sobre tudo a historia, querem uma explicação das circumstancias que occorreram até á scena que acabamos de referir.

Jorge e Mauricio em duas expedições favoraveis, tinham feito a sua fortuna. Mauricio fora-lhe necessario abandonar por alguns mezes o seu amigo, porque o chamavam negocios de grande ponderação a um dos portos de França.



Sir Allan Macnab.

não ha poder capaz de nos separar na terra... a vida que te falta vaes achal-a no meu amor... E tomando nos braços aquella fronte transtornada, e pallida como o lyrio que o vendaval açoita, uniu-a contra o seu peito cubrindo-a de beijos onde a alma se evaporava na paixão mais ardente.

— Posso agora morrer porque o vi, porque o apertei nestes braços — Oh! perdoa-me senhor... se é assim amar assim... quero... devia... mas não tenho força...

A voz esmoreceu de todo, e a cabeça que se erguera pelo excesso da commoção tornou a cair desfalecida sobre o peito do amante.

Continua.

BULHÃO PATO.

CAMINHOS DE FERRO EM INGLATERRA.

O Instituto d'engenheiros civis de Londres, abriu neste anno suas sessões com um notavel discurso do seu novo presidente, R. Stephenson, filho do celebre engenheiro d'este nome, que applicou o vapor á viação, e cujo apelido está ligado para sempre aos caminhos de ferro e ás pontes famosas. Os interessantes dados que contem este discurso, e sua authenticidade, por serem de tão habil engenheiro e distincto membro do parlamento britannico, nos emorem a fazer o seguinte extracto, que não será sem utilidade:

Os ferro-carris inglezes tem a extensão de 8:055 milhas. Excedem por tanto á totalidade da dos dez rios principaes da Europa. As barras ou carris são mais que os necessarios para cingir o globo.

O custo destas linhas foi de 286 milhões de libras esterlinas, ou 1:287.000 contos de reis; quantia igual á terça parte da divida publica da Gran-Bretanha. Em menos de dois annos se consumiu mais da quarta parte d'esta somma na guerra do Oriente, cujos resultados foram tão desgraçados comparados com os que produzem as vias-ferreas.

É extraordinaria a quantidade e extensão das obras d'arte. Rompeu-se a terra com túneis em mais de 50 milhas. Só nas immedições de Londres ha 11 milhas de viaductos. Os movimentos de terras representam o volume de 550 milhões de jardas cubicas, que agglomeradas formariam uma piramide de milha e meia d'altura, com a base maior do que o parque de S. James. A igreja de S. Paulo, em Londres, a par d'este immenso corpo, seria um pigmeu ao lado d'um gigante.

Os trens correm 80 milhões de milhas sobre ferro-carris. As locomotivas são 5:000, e arrastam 150:600 vehiculos. As primeiras postas em continuação umas das outras, podiam estender-se de Londres a Chatam, (55 kilometros), e as carruagens e trens de Londres a Aberdeen (880 kilometros).

As companhias empregam 90:400 homens. As maquinas consomem annualmente dois milhões de toneladas de carvão de pedra; de modo que quatro toneladas de carvão evaporam em cada vinte minutos vinte toneladas d'agua, quantidade sufficiente para supprir todas as necessidades da cidade de Liverpool.

Em 1854 transportaram-se pelos caminhos de ferro 111 milhões de passageiros, suppondo que cada um correu 12 milhas. As antigas diligencias conduziam cada uma 10 passageiros, termo medio; por conseguinte para transportar n'um dia 300:000 pessoas á distancia de 12 milhas, seriam necessarias pelo menos 10:000 carruagens e 120:000 cavallos.

O rendimento dos ferro-carris em 1854, foi de 20:215 libras esterlinas, ou 90:967 contos. Observou-se que constantemente augmentou a quantidade de productos condusidos, mesmo quando o trafico se repartiu por novas linhas.

É mui grande a despeza com os deterioramentos. São necessarias 20:000 toneladas de ferro para reparações annuas. Todos os annos se estragam 26 milhões de travessões, e para substituir esta perda cortam-se annualmente 300:000 arvores, o que exige a superficie de 5:000 acres de bosques.

Passado pouco tempo do começo da exploração de qualquer caminho de ferro, o deterioramento annual torna-se despeza igual e tão inevitavel como a do combustivel, ou como a dos salarios dos empregados.

O illustre presidente do Instituto de engenheiros fez depois varias considerações sobre diversos assumptos, das quaes nos parece proveitoso vulgarisar as seguintes:

As companhias devem estabelecer tarifas baratas, por que são ao mesmo tempo uteis a ellas e ao publico, convidando a viajar maior numero de pessoas, e produzindo assim maior rendimento. O transporte dos passageiros é sempre mais productivo em todos os caminhos do que o das mercadorias. Um trem d'estes leva ordinariamente, termo medio, 200 passageiros. Nas linhas de pequena extensão, é que o preço da passagem deve ser o menor possivel. Os viajantes não reparam tanto na despeza quando se transportam a grandes distancias; porque o que desejam é ir commoda e brevemente. Póde-se, pois, exigir proporcionalmente maior retribuição por este serviço.

As reformas postaes devem muito aos ferro-carris, que facilitam a condução de grandes volumes. Em Londres todas as sextas feiras á noite, vão oito ou dez carros levar os sacos dos periodicos semanaes á estação do caminho de ferro do noroeste; o que significa que, pelo me-

nos, seriam necessarias quatorze ou quinze carruagens de posta para os condusir, e a despeza que fariam até Birmingham era impossivel de sustentar com o actual porte de um penny. O governo nunca poderá distribuir o *Times*, com seu actual tamanho e condições, pelas antigas malas-postas; nem tão pouco fazer circular no paiz os *livros azues*, ou documentos parlamentares, sem ser por meio dos caminhos de ferro. No entanto a repartição dos correios não tem auxiliado quanto devia as empresas de ferro-carris, e até as prejudica em certas cousas.

A legislação sobre vias-ferreas é incongruente e absurda. As concessões do parlamento ás companhias tem custado ao publico mais de quatorze milhões de libras. As leis sobre expropriações tem feito receber os donos de propriedades urbanas e ruraes, alguns 70 milhões, ou 31:500 contos; apesar de succeder quasi sempre, que o caminho de ferro augmenta muito o valor das propriedades que atravessa. Quando se trata de expropriações forçadas, os proprietarios tem na lei muitos recursos para obterem indemnisações exageradas e injustas. Seria conveniente formar-se uma commissão de pessoas practicas em jurisprudencia, em commercio e em engenharia, para organizar um projecto de legislação especial sobre ferro-carris, que facilite a sua construcção, principalmente na parte das expropriações.

Stephenson tambem tratou dos telegraphos electricos. Disse que ha 7:200 milhas delles, ou 30:000 milhas de fio, pelo menos. São 3:000 os empregados neste serviço, e mais de um milhão de communicações d'interesse particular correm por este *silencioso caminho*.

O telegrapho adaptado aos trens é indispensavel para o bom serviço dos ferro-carris. O ponteiro do aparelho indica se o caminho está ou não aberto, se occorreu algum accidente, e onde.

O telegrapho pode de algum modo substituir um carril adicional, para transmittir ordens instantaneas aos empregados, e facilitar o augmento do trafico sobre algumas secções da linha. Permite tambem economisar o material movel, transmittindo avisos de umas a outras estações, para supprir n'umas o que n'outras seja inutil.

Certos dados estatísticos mostram que hoje ha cinquenta vezes mais transações sobre empresas de caminhos de ferro do que ha seis annos.

Os desastres acontecidos nestes caminhos no primeiro semestre de 1854 estão na razão de um por cada — 7:195:343 passageiros.

Quem se conservar tranquillamente em sua casa não pode contar com menos probabilidades de perigos do que se correr n'um trem. Muito mais frequentes são os desastres que acontecem nas ruas, e no mar. No entanto é para notar que as camaras d'Inglaterra tem legislado sobre os accidentes dos caminhos de ferro, sem ter feito o mesmo acerca d'outras especies de locomoção. Parece injustiça e protecção mal entendida ao publico; porque o governo a estabelece onde menos se necessita. A lei mede a vida dos homens por um regulador de classes. A familia dos altos funcionarios publicos, tem direito a grandes indemnisações, e nenhuma se concede á do pobre jornaleiro. A tendencia manifesta desta disposição é impedir a diminuição dos preços das tarifas. Os administradores das companhias devem calcular que a abundancia de passageiros nem sempre lhes será proveitosa; porque quanto maior for seu numero, mais risco ha de acontecer desastre a algum delles. As companhias ficam practicamente obrigadas a segurar a vida de todas as pessoas que viajam nas suas linhas, sem comtudo poderem harmonisar os riscos com os premios.

São immensos e maravilhosos os effeitos dos caminhos de ferro. Empregam directamente 90:000 homens, e indirectamente 40:000. Ora 130:000 homens com suas mulheres e familia representam 600:000 almas de população; de modo que se pode affirmar que um por 50 habitantes do Reino Unido depende dos ferro-carris. O rendimento bruto annual sobe a 20 milhões esterlinos, ou quasi metade da receita ordinaria do estado. Se se interrompesse o transporte pelas vias ferreas, o custo das conduções actuaes não seria menor de 60 milhões; vindo assim estes caminhos a economisar annualmente ao publico 40 milhões esterlinos ou 180:000 mil contos. O tempo é dinheiro, e por tanto sob este aspecto ainda a economia se torna maior. Em cada viagem de 12 milhas poupando uma hora 111 milhões de passageiros n'um anno, e reputando em tres shillings o valor do trabalho de cada homem em oito horas, resulta a economia de dois milhões de libras ou 9:000 contos.

Uma das consequencias desta nova viação, é igualar o valor da propriedade em todo o paiz, aproximando a aos centros do consumo. Facilita tambem os commodos domesticos do povo, levando a toda a parte os productos de que elle carece, e por menor custo do que até aqui.

Vence todas as difficuldades que as estações, a falta ou abundancia d'aguas, os gelos ou as secas oppunham outr'ora ás communicações pelas estradas e canaes. A sciencia vae successivamente superando todos os obstaculos da natureza!

Mr. Stephenson concluiu o seu discurso insistindo sobre tudo em que os caminhos de ferro offerecem vasto campo á economia individual e publica, e que por isso se não deve desprezar nenhuma combinação nesse sentido, por mais insignificante que pareça. Disse que a maior satisfação que podia ter era, que das suas observações proviesse alguma reforma util no systema geral dos cami-

nhos de ferro, que desde os trabalhos de seu pae tão intimamente se ligam ao seu nome; declarando que todos os conhecimentos que possui na materia de vias ferreas, e tudo quanto tem aprendido e executado, o deve áquelle que lhe deu o ser, cuja memoria tão respeitada e querida lhe era.

C. J. CALDEIRA.

A ACADEMIA DAS BELLAS ARTES DE LISBOA E A NECESSIDADE DE UMA REFORMA.

III

(Continuação.)

A anatomia, a perspectiva e a historia, com o desenho, devem constituir o complexo de estudos essencial, destinado aos pintores e esculptores. Sem o conhecimento profundo de qualquer destas partes do ensino, a educação do artista, votado a estes ramos da arte, nunca póde ser completa nem estabelecida nos verdadeiros principios, proprios a assegurar-lhe um futuro em que o talento possa ostentar todos os recursos e seguir as naturaes tendencias da sua indole artistica.

Sem um estudo profundo da sciencia anatomica, sem esses segredos da perspectiva que mais concorrem, com os effeitos da luz, para a illusão completa nos grandes quadros da escola florentina, por certo que o pincel vigoroso de Miguel Angelo não reproduziria as concepções arrojadas que caracterisam o seu talento em traços indelevelis de verdade e correcção.

Da mesma sorte, sem estes estudos fecundados pelas inspirações com que o conhecimento da historia póde illuminar o espirito do artista, Urbino não elevaria as suas obras a essas regiões da interpretação poetica e philosophica, que deram uma expressão inefavel de sublimidade meditativa a todos os seus grandes quadros biblicos.

Sem mesmo estas noções que preparam a arte para os seus maiores destinos, que a elevam á reproducção natural e caracteristica de todos os assumptos, os proprios Poussin, Turner e Stanfield não nos deixariam quadros em que a natureza brilha nos seus mais variados episodios da criação animada, nos esplendidos accidentes da riqueza vegetal.

O verdadeiro genio é tudo, mas os estudos proprios ao seu desenvolvimento são como as azas que lhe preparam os maiores e mais deslumbrantes vôos.

É todavia para lamentar que nenhum d'estes ramos de ensino elemental esteja desenvolvido á altura indispensavel das necessidades inherentes á educação da pintor e do esculptor, em a nossa Academia.

Na Academia das Bellas-Artes de Lisboa falla-se em anatomia e até corre de mão em mão uma compilação de theorias e regras de perspectiva, mas nenhum d'estes estudos é considerado com a seriedade que importa ao papel que tem de representar no futuro do artista.

Quanto á anatomia, isto é, ao estudo que fórma a base do verdadeiro estatuario, que só póde levar á verdade da estrutura humana o pintor historico, o que soccorre de conhecimentos positivos o proprio paisagista para poder, facil e sciente, percorrer a escala da criação animada; quanto a este estudo vemos que apenas se faz uma simples e superficial indicação d'elle no artigo 43 dos estatutos que determinam a organização dos estudos da Academia.

Diz esse artigo o seguinte: — O professor da escola de desenho terá particular cuidado de fazer observar a seus discipulos as dimensões e proporções regulares das figuras, ou sejam humanas ou de animaes, ou de plantas, ou de outros quaesquer seres produzidos pela natureza, e *lhes dará opportunamente algumas noções de anatomia applicadas ao desenho.* »

Aqui temos como a anatomia é considerada na Academia de Bellas-Artes de Lisboa!

Entende-se que bastam *algumas noções* para habilitar o pintor e o esculptor a reproduzir em toda a sua verdade anatomica o corpo humano, ou os diversos seres da natureza animal.

D'aqui seguem-se as difficuldades e embaraços em que se vêem os alumnos da aula de esculptura quando têm que modelar sem o auxilio de exemplares perfectos, e os graves erros e imperfeições em que incorrem os alumnos da aula de pintura historica quando lhes seja dado um thema em que o jogo de musculatura e os principios anatomicos mais demonstrativos e caracteristicos da acção humana, tenham de ser respeitadas na sua manifestação. A Academia julga poder suprir a ausencia quasi completa d'este ensino, que devia ser seguido debaixo das regras e indicações de um curso regular, com a simples explicação de *algumas noções*, e sobretudo pensa substituí-lo com vantagem até com o estudo do *nu*.

Este erro comtudo é fatal, e cada dia está mostrando mais inconcussos e irrecusaveis os seus effeitos. E o que mais é, estes defeitos provam-se tanto nas obras dos alumnos como nas produções dos mesmos professores, por que infelizmente o vicio é capital. Por excepção temos visto a demonstração do contrario em algumas obras de uns e de outros, mas isso unicamente devido aos esforços individuais, ás lucubrações, ás tendencias especiaes e insistentes d'estes ou d'aquelles, e não ao conhecimento d'essas

— Que lh'o contasse, não é assim? A noute vai adiantada, mas elle tambem não é extenso; ouça-o e rir-se-ha depois comigo como eu ri então.

O relógio começava a dar 11 horas, a noute estava tempestuosa, e negra; tudo contribuia em redor para dar um aspecto phantastico ao quadro. Quando ao proferir as ultimas palavras o doutor se riu, estremeceu a meu pesar e senti uns arrepios percorrerem-me o corpo. Pouco a pouco soceguei-me e elle começou a sua narração nestes termos.

Continua. R. PAGANINO.

PORTO DO MARANHÃO.

A cidade de S. Luiz do Maranhão fica n'uma ponta da ilha em que é situada, em meio de dois rios que a circumdam quasi toda. Em uma grande elevação se vê a fortaleza de S. Marcos, e na boca da barra a fortaleza de S. Antonio ou da Ponta da Areia; fronteira a esta para o poente e formando com ella a barra em largura de perto de uma legua, jaz a ilha do Medo; e da mesma banda do poente acaba a ilha do Maranhão com um pontal chamado guia, por que serve de marca aos navios para entrarem; entre o dito pontal e a ilha do Medo corre um estreito de mar que chamam o boqueirão, por onde se faz toda a comunicação com o interior da provincia. Da banda do norte fica a terra firme que rodea toda a ilha e nell. está situada a cidade de Alcantara fronteira á do Maranhão. A cidade não tem edificios notaveis.

M.

PERFURAÇÃO DO POÇO DE PASSY.

A estampa representa o interior da officina provisoria estabelecida para os trabalhos da perfuração do poço artesianno, que o imperador dos francezes mandou abrir na planura de Passy, com o destino de fornecer agua ás ribeiras artificiaes e lagos do bosque de Boulogne. O engenheiro é M. Kind, de nação saxonio, e tem usado de um methodo novo em similhantes trabalhos. O agente, motor principal, é uma maquina de vapor da força de 30 cavallos; dois cylindros de valvula alimentados por uma só caldeira, communicam com uma das extremidades do balancé, e na outra extremidade está suspenso o aparelho da perfuração, que abre o poço.

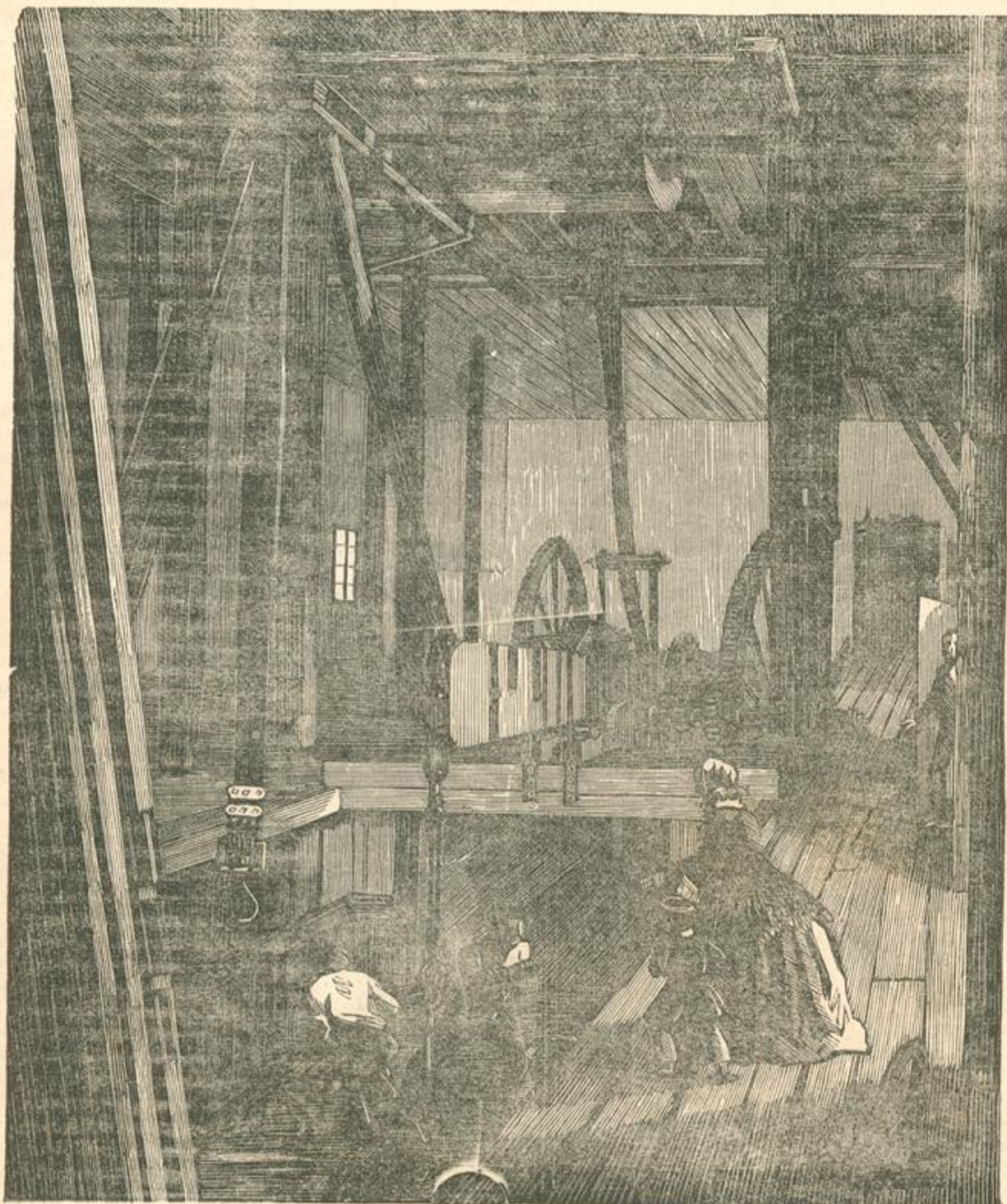
M.

O LORD MAYOR ANNUNCIANDO A PAZ.

Pelo processo do daguerreotypo com um aparelho de grandes dimensões foram tirados os retratos das authoridades civicas de Londres reunidas no acto da leitura da promulgação da paz pelo lord mayor em Mansion-house: s.ª acompanhado dos sheriffs e dos officiaes da corporação municipal estava de pé dentro do magestoso portico do palacio da cidade, porque Mansion-house, no character de sua architectura, é o edificio mais palaciano da metropole; e che-



Porto do Maranhão.



Perfuração do poço de Passy.

gando á balastrada leu ao povo a fausta noticia, que recebera de sir George Grey, de que se estava assignando em Paris o tratado de paz. O lord mayor e os da sua comitiva traziam os seus colares e ricas insignias, não faltando o condestavel com sua estupenda espada.

M.

A PONTE D'ARC.

No antigo Vivarais, não mui longe dos mananciaes do Loire, sáe o rio Ardeche das entra-nhas da terra em borbotões de espuma; humilde regato vae depois engrossando com afluentes numerosos no seu caminho até o Rhódano; todo o seu curso é uma continua luta contra as irregularidades e asperesas do terreno. Porém, a baixo da povoação de Aubenas, o Ardeche, que já ali admite barcos, segue um leito mais regular, sem deixar de ser tortuoso.

A meia legua distante do povo de Aubenas, um d'esses valentes ramaes das Cevennes que se alonga decabindo para a bacia do Rhódano vem como de subito atravessar o rio; se este agude colossal estivesse maciço, interceptaria totalmente a passagem das aguas do Ardeche. Mas, na epocha das grandes tormentas geodesicas, quando o leito do rio era uma corrente de lava incandescente, esta derreteu a base do rochedo e o transformou n'uma ponte, que excede tudo o que podia imaginar o engenho humano; e de facto, o seu unico arco, chamado ponte d'Arc, tem 63 metros de largura e 33 de alto; e o que faz pasmar, contemplando-se este rasgado buraco talhado na rocha é a regularidade quasi geometrica da sua immensa curva.

M.

SIR ALLAN MACNAB, PRIMEIRO MINISTRO DO CANADÁ.

O pac de sir Allan Napier Macnab era um official general do exercito britanico, onde serviu por muito tempo; passando depois ás colonias do Canadá, ahí novamente se distinguio, sendo ferido por varias vezes, e na ultima com ambas as pernas quebradas. O filho tambem fez a campanha contra os americanos, quando estes tomaram York (actualmente Toronto), alistou-se como voluntario na companhia de granadeiros do regimento do rei, que foi quasi toda destruida pelo inimigo; e depois sendo aspirante de marinha a bordo de um navio de guerra no lago Ontario assistiu ao ataque do porto de Sackets; largando a armada voltou ao exercito e achou-se em varios combates até 1816, em que largando a farda por motivo da redução das tropas, dedicou-se ao estudo das leis. Seguiu esta nova carreira por um modo tão brilhante que se elevou ao grau de principal advogado naquelle paiz. Em 1830 foi eleito representante da assemblea provincial, e desde então sempre occupou cadeira parlamentar, sendo por alguns annos presidente da camara das dez provincias do Alto Canadá; agora é o primeiro ministro e o chefe da camara na

assemblea. Durante a insurreição de 1837 a 1838 commandou a força das milicias e suplantou os rebeldes. Não obstante o valor destes serviços, reconhecem-se como ainda mais valiosos os que tem prestado nos ramos economicos e administrativos, sobretudo na criação dos grandes caminhos de ferro do Canadá, e alargamento de canaes que facilitam a comunicação entre os lagos occidentaes e Ontario e o grande rio S. Lourenço. A cidade de Hamilton, principal theatro da vida publica de Sir Macnab, e situada á cabeça de um dos mares interiores do Canadá, o lago Ontario, conta hoje para cima de 25:000 habitantes e ainda ha vinte annos o seu local eram terras de sementeira com poucas habitações. M.

VIAGEM D'ELREI O SENHOR D. PEDRO V

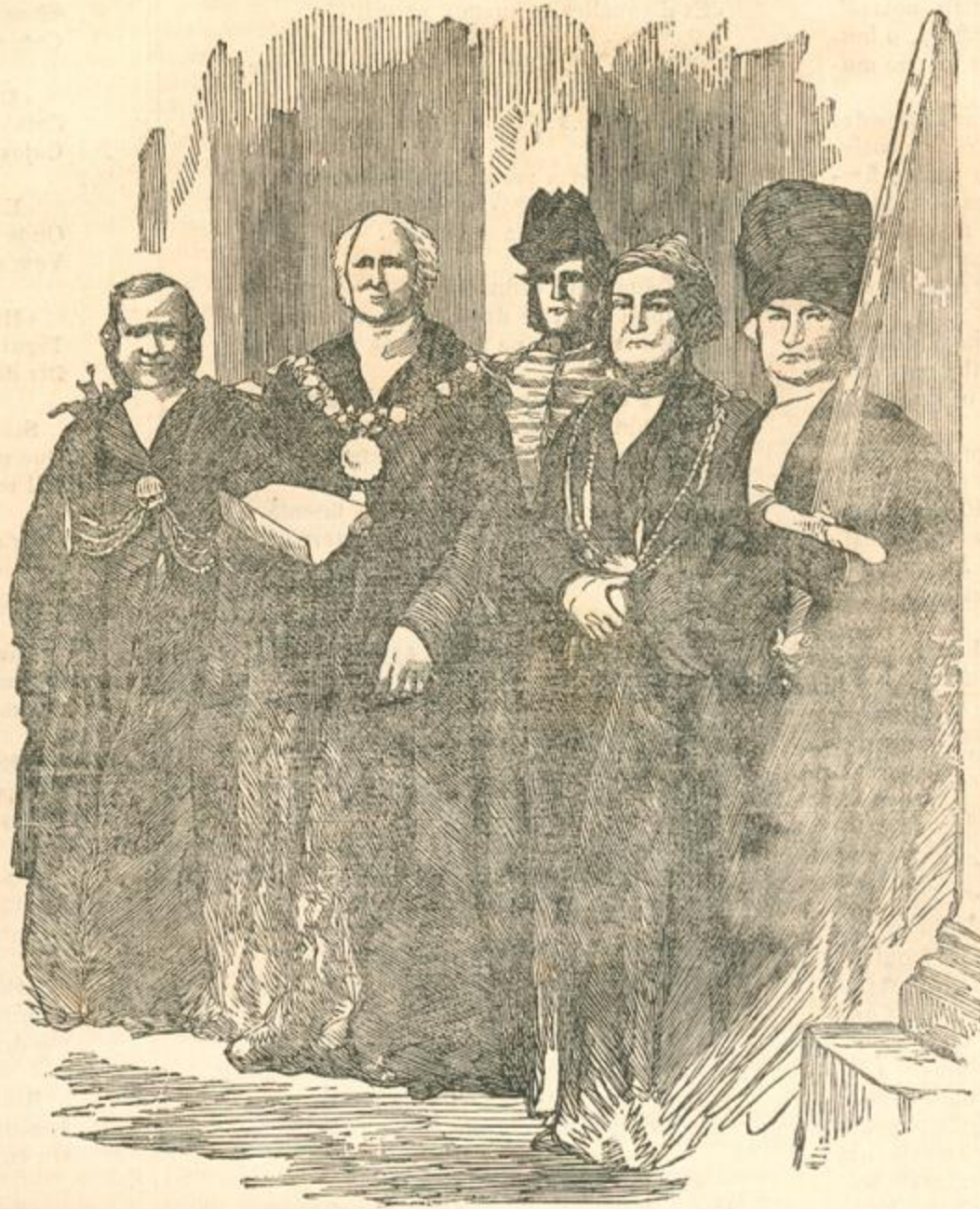
ÁS PRINCIPAES CORTES DA EUROPA NO ANNO DE 1854.

(Continuação).

No dia seis sua magestade com os senhores duque do Porto, duque de Brabante, e conde de Flandres, e comitivas, sahiram pelas dez horas e meia da manhã: visitaram a igreja de Santa Gudula, a principal de Bruxellas, e sendo ali recebidos pelo magistrado da cidade, e deão da collegiada, percorreram a igreja, demorando-se defronte do pulpito, e do monumento do conde de Mérode, bem como observaram a capella gothica do Santissimo Sacramento, ajoelhando, por um pouco, diante do seu altar. Entrando pela praça de Santa Gudula foram até ao palacio da Camara acompanhados pelo dito magistrado: depois de visitar as diferentes sallas, elrei se demorou um instante sobre a varanda para examinar o grande golpe de vista, que d'ali se offerece. Descendo pelas escadas dos leões, passaram depois ao hospital de S. João, um dos melho es da Europa, e aos Jardins Botânico, e Zoologico. Os illustres visitantes examinaram, com miudesa, tudo que lhe apresentaram os empregados dos estabelecimentos. No jardim Zoologico, onde se demoraram mais d'uma hora, viram a jaula dos ursos, a coutada dos leões, e dos camellos, e se divertiram — especialmente com um Guanaco (especie de camello da America Meridional) que encheo de saliva ao senhor infante que mais affouto se havia chegado muito á grade, que encarcerava o camello: elrei entreteve-se mais em andar observando as plantas aquaticas, e todos os detalhes do jardim.

Na sexta feira, sete, elrei recebeu os cumprimentos do corpo diplomatico de que fez parte o nuncio apostolico, ficando todos por extremo penhorados pela amabilidade e expressões lisongeiras, de que sua magestade se servio não só em relação a cada um dos seus membros, mas ainda das nações que representavam.

Depois visitou com o senhor infante as officinas do pintor Verbockhoven, e as do estuario Greefes, admirando varias e insignes produções de tão eximios artistas. De tarde visitaram pelas tres horas o Museo, sendo recebidos pelo magistrado da cidade, e pelo secretario-geral da repartição dos negocios estrangeiros: seguindo depois ao palacio de industria, á biblioteca de Bourgogne, á escola militar, e varios quartéis de tropas, onde tiveram as devidas saudações.



O lord mayor annunciando a paz.

No dia oito fez elrei e o senhor infante a honra de visitar o conde de Renduffe no seu palacio de Viviers, perto de Hainaut, como em satisfação do cumprimento que este antigo diplomata portuguez lhe havia feito em Ostende. Partiram com a sua comitiva ás oito horas da manhã, pelo caminho de ferro, chegando as nove á residencia do

conde e condeça de Renduffe, e os officiaes superiores, que de manhã commandaram as tropas da parada, assim como outros officiaes de todas as graduações. N'este mesmo domingo mr. Lebas, Photographo, foi chamado ao palacio para tirar ao daguerreotypo o retrato de sua magestade o rei de Portugal.

No dia dez de manhã elrei de Portugal e o senhor infante, acompanhados pelo conde de Flandres, e seus sequitos, saíram de Bruxellas para visitarem algumas povoações.

Dirigiram-se a Gand. Chegaram ali ás nove horas e um quarto, descansando na casa do governo da provincia. Entraram na cathedral de S. Bawon, admirando todas as obras primas que ali estavam reunidas: visitaram os grandes estabelecimentos d'industria de la Lys e Phonia, onde se demoraram tres quartos de hora examinando com interesse, os trabalhos d'aquellas grandes fabricas: igualmente foram ao famoso estabelecimento de Horticultura de Gentbrugge, dando elrei ao seu habil director a condecoração de cavalleiro da ordem de Christo.

Conduzidos á Universidade foram ali recebidos pelos primeiros empregados. Elrei e os principes percorreram as sallas que contem os preciosos objectos d'arte, as curiosidades os manuscritos e esculpturas reunidos em magnifico local. Depois de terem jantado no palacio do governo, receberam a sociedade real dos Melomanos, de que é presidente honorario o conde de Flandres; o conselho d'administração, apresentou ao senhor D. Pe-



A ponte d'Arc.

dre v e ao senhor infante um soberbo album para porem suas assignaturas, e a offerta do diploma de membros honorarios da sociedade, o que sua magestade aceitou com a mais agradável impressão.

Foram em seguida a Bruges. Entrando pelas tres horas e meia da tarde observaram o que era mais notavel, como a Igreja de S. Salvador, a de nossa senhora, o hospital de S. João, a capella do Santo-Sangue, a casa municipal, a biblioteca, e palacio da justiça.

Igualmente visitaram a sala de Franc, a academia das bellas-artistas, o convento de religiosas inglezas, e a sociedade real de S. Sebastião, onde elrei, e seu irmão, fizeram exercicios d'atirar ao arco. Jantaram na casa do governador da provincia, o barão de Vriere, ex-embaixador da Belgica na corte de Lisboa. Em seguida a sociedade real dos Choros teve a honra de se fazer ouvir diante de sua magestade fidelissima.

Tendo aqui pernoitado, saíram no domingo onse de Julho, pelas sete horas e um quarto da manhã para Malines, afim de encontrarem sua alteza real o duque de Brabante.

Depois do meio dia chegaram a Liège e Louvain. Aqui visitaram o arsenal e fabrica d'armas do estado, e a real fundição de peças d'artilheria, considerada como das primeiras da Europa; a fabrica de vidros no arrebalde de S. Leonardo, a Igreja cathedral de S. Jaques; e os bellos estabelecimentos da sociedade de Selessin, e John Cockeril, em Seraing.

Tambem entraram na Universidade catholica, e por essa occasião elrei o senhor D. Pedro v concedeu a M. Morren professor de botanica e agricultura as insignias de cavalleiro da ordem de Christo, assim como depois foi agraciado o conego de Ram, reitor da Univeisidade, com o grão de commendador da mesma ordem.

Ao jantar que foi pelas seis horas na casa do governo assistiram alem dos principes, e seus sequitos, o governador da provincia, o presidente da camara dos deputados, varios generaes, magistrados da cidade etc. No em quanto a musica do primeiro regimento de linha tocou varias marchas, e no fim da tarde a praça de S. Lambert estava completamente cheia de povo, desejoso de testemunhar as suas sympathias para com os hospedes reaes que pousavam no palacio.

Apezar do incognito que se havia prescripto (9) a sociedade real de Horticultura, e a da grande harmonia de que é presidente honorario o duque de Brabante — poderam ás nove horas da noite reunir repentinamente um corpo de musicos, que, junto da praça, executaram bellas e harmoniosas serenatas, começando pelo nosso hymno nacional.

Continúa.

F. J. DA COSTA.

EXCURSÃO PHANTASTICA.

No meio do caminho d'esta vida,
Errante, em noute escura de procela,
Me achei fora da estrada conhecida.

Vejo ao longe luzir, como uma estrella,
A moribunda luz de uma candea,
E a passo largo me dirijo a ella.

De contar o que vi acho-me em veia:
Do immundo tecto de soez taberna
Pendia aquella luz escassa e feia;

Em torno de um tonel, crusando a perna,
De convivas um rancho turbulento
Inclinam ao deus Baccho a face terna.

Tão ruidoso era o tal ajuntamento,
E tão má cara a cara dos parceiros,
Que parecia certo parlamento.

Mas logo vi não serem verdadeiros
(Tanto ás vezes engana uma apparencia!)
Os rapidos juizos meus primeiros.

Fallavam, é verdade, sem sciencia,
Como falla mais de um legislador;
Porém mostravam mais independencia.

Por um pouco escutei, não sem pavor,
Pois tractavam materias do outro mundo,
Rouca era a voz e a cara sem rubor.

«Quem és me diz um d'elles, furibundo,
Ó tu, que tens de humano a similhança?
Quem te trouxe a este abysmo tremebundo?»

«De Virgilio e de Dante por herança
Recbeste o condão do livre ingresso
N'este paiz do premio e da vingança?»

Taes palavras ouvindo, empallideço.

(9) Consta que elrei o senhor D. Pedro V, quando sair a esta viagem, para conservar o incognito, quanto possível, tomara o titulo de — duque de Guimarães — creado por elrei D. Affonso V, em vinte e tres de Novembro de 1470 que depois foi incorporado no titulo de — duque de Bragança.

Co'a fraca voz lhe conto que perdido
Aquella estancia vim, que não conheço.

Então me torna, com semblante erguido,
Com riso mofador e impertinente:
«És d'aquelles, a quem é permitido

«Entrar nesta mansão da extincta gente,
És scismador e poeta, a quem na vida
Em perpetuo sonhar delira a mente.

«Divagas sem vereda conhecida,
Em quanto os outros, com vontade forte,
Procuram a fortuna apetecida.

«A este reino alfim trouxe-te a sorte;
Sabe pois que te é dado, como a Dante,
O entrar em vida na mansão da morte.

«Se a esse coube entrada mais brilhante,
Foi tributo ao seu alto valimento,
Pois que n'este paiz extravagante

«Presta-se inda homenagem ao talento.»
Pallido escuto a voz, que me consterna,
E os olhos lanço em torno do aposento.

A principio julguei que era taberna;
Mas, mais attento os olhos applicando,
Vi tremenda, espaçosa, atra caverna.

Era de sombras pallidas o bando,
Que primeiro julguei ser de estadistas,
Em bacchanal congresso disputando;

O tonel, que attrahiu as minhas vistas,
Eis se demuda em urna funeraria,
Como por arte de habeis machinistas.

Do seio da sombria turba varia
Assim me falla o nobre presidente:
«Despe o temor, attonita alimaria;

«As sombras, que aqui vês, já foram gente,
E tu sombra serás tambem um dia;
Mas pois que aqui vieste ainda vivente,

«É meu dever fazer-te cortesia,
Que o determina assim quem nos governa.
Da extincta gente a habitação sombria

«Abre ingresso aos mortaes n'esta caverna;
A porta principal é da outra banda,
Esta entrada secreta é mais moderna.

«Agora te apresento a veneranda
Matula, que me honrou co'a presidencia.
Quando vida tivemos miseranda,

«Uzámos de libré por dependencia,
Fomos lacaios d'altos medalhões,
A quem á farta demos excellencia;

«Como porém roubámos os patrões,
E de certos *Dandíns* desventurosos
Secretas manchas demos aos braços,

«Para aqui nos mandaram pezarosos:
E n'este humido e negro pavimento
Penamos nossos feitos criminosos.»

Assim fallou o espectro macilento.
«Apoiado» disseram de arremeço
Os outros membros d'este parlamento.

Affirmo, recordando este successo,
Que, por ser parlamento de lacaios,
Não desdizia de outros, que eu conheço.

Enviaram comigo dois garraios,
Que me guiam nas sendas do recinto,
Que povoam suspiros e desmaios.

Transposto emmaranhado labyrintho,
E a alma de pavor mais descaçada,
N'uma arenosa praia me presinto.

Era a praia da Styge, povoada
De inanes sombras, que na vasta areia
Passeiam, como em longa mascarada.

Seis vezes de Charonte a barca cheia
Recusa dar-me vez, que ha longos dias
Se occupa em levar tropas da Crimea.

Segundo consta n'estas plagas frias
Não ha memoria, ha mais de quarenta annos,
De se ver o barqueiro em taes porfias.

Formam cauda no cães os ex-humanos
Para serem na barca transportados,
Involvidos os grégos c'os troyanos,

Quero dizer os russos e alliados,
Acceso ainda no rosto inutil odio,
E olhando entre si desconfiados.

Quando attentava mais neste episodio,
Chegou a minha vez; o arraes me clama
Com voz decrepita e fallar serodio:

«Ó tu que tens da vida accesa a chamma,
Como Alcides, Theseu e o pio Eneas,
Cujos heroicos feitos conta a fama,

«E como elles demandas as areas,
Onde a livida morte tem imperio!
Vem sulcar sem pavor as ondas feias.

«Ha seculos não vem a este hemisferio
Figura humana e viva, que se note.
Diz do mundo o louvor e o vituperio»

Sento-me á poupa, junto do velhote,
Que me obriga a contar-lhe por inteiro
Mil estiradas glosas deste mote.

Era da Styge o barco mais ronceiro
Do que o peor vapor do Tejo e Sado;
Mas chegámos ao cabo do roteiro.

Minos, juiz do pavoroso estado,
Mal me avista, descendo da falua,
Assim me diz, cortez e delicado:

«Bem vindo seja a esta casa sua;
Permanecer aqui só pode um dia,
Findo o qual, pol-o-hei no andar da rua.»

Deste deus da ancian mythologia
Agradeço a concisa amenidade,
E assim prosigo: «Vossa senhoria

«Fará mercê de expor-me com verdade,
Se o famoso trifauce cão Cerbero
Me deixará passar em liberdade?»

Riu-se o pagão com animo sincero,
E assim me retrocou: «Voce é tolo,
Ou cui-la estar no seculo de Homero?»

«Se tem medo do cão, deite-lhe um bolo;
C'os Catões e Cerberos desta idade
É assim que se avem quem tem miolo;

«Cães do Averno e tribunos da cidade
Tem hoje por systema incontroverso
Esta *estadista flexibilidade*,

«Palavra dura de metter em verso,
Que se inventou por bem da humanidade
Nesta ditosa quadra do Universo!»

Do garrulo juiz vendo a maldade,
Afasto os passos e o conselho sigo,
Vaguei pela mansão da eternidade,

E se o mais, que lá vi, ora não digo,
É que receio as faltas da memoria,
E não quero fazer, leitor amigo,
O que outros fazem, escrevendo historia.

A. DE SERPA.

O DESERTO.

(FRAGMENTO DE UMA VIAGEM POR ARAGO.)

III

A TEMPESTADE.

(conclusão)

Haviamos atravessado o bosque, em cujos limites acabava de verificar-se o terrivel combate. Terminou o dia, sem outro accidente, e o acampamento levantou-se em uma vasta planura, no meio da qual se erguiam grandes médões de areia resplandecente.

As caravanas escolhem sempre estes logares afastados de toda a vegetação, preferindo-os aos bosques frondosos, onde habitualmente se albergam as serpentes, os tigres e os leões.

O dia seguinte annunciou-se temeroso e ameaçador; nem um sopro da brisa; nem uma só nuvem no horizonte; sentiamos nos corpos doridos fundas picadas, ao passo que de nossas testas, apesar das sombras das barracas, escorriam rios de suor.

Lá muito ao longe, no horizonte, debuxava-se um ponto negro quasi imperceptivel; aquelle ponto subia, ia crescendo, estendia os braços como dominador, apoderava-se do espaço, e parecia que anhelava abranger no seu imperio toda a natureza. Assimilhava-se aos raios opali-

